



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

JUVENTUDES E COTIDIANO: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE ENTRECruzAMENTOS ENTRE CULTURAS

DIVANIR MARIA DE LIMA

ROSEMEIRE REIS

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

Eixo 7: Educação, Trabalho e Juventude

JUVENTUDES E COTIDIANO: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE ENTRECruzAMENTO ENTRE CULTURAS

Resumo

O artigo apresenta olhares preliminares da investigação em curso no PPGE / UFAL. A pesquisa estudou os jovens no processo de escolarização na educação na Educação de Jovens e Adultos. Centra-se na vida cotidiana da escola como um espaço que produz encruzamentos entre a culturas dos jovens e a cultura escolar. O percurso metodológica traz a etnografia como uma abordagem de pesquisa e utiliza ferramentas etnográficas de coleta de dados, como a observação participante e diário de campo, entrevistas etnográficas, produção e análise de imagem e o uso de redes sociais como Facebook e whatsapp. Os achados iniciais evidenciam que a produção da vida escolar, por vezes, mobiliza as culturas juvenis e escolares, que produzem entrecruzamentos. Esses resultados sugerem que essas culturas, em circularidade no cotidiano escolar, estão em tensão, coexistem e produzem influências recíprocas

Palavra-Chave: Juventudes na Educação de Jovens e Adultos. Cotidiano Escolar. Circularidade de entre culturas.

LES JEUNESSES ET LE VIE QUOTIDIEN: L'ÉCOLE COMME ESPACE DE RENCONTRE ENTRE CULTURES

Résumé

L'article présente les regards préliminaires des recherches en cours dans PPGE / UFAL. La recherche a étudié les jeunes dans le processus éducatif dans l'éducation des adultes. Met l'accent sur la vie quotidienne de l'école comme un espace qui produit des croisements entre la culture de la jeunesse et de la culture de l'école. L'approche méthodologique apporte l'ethnographie comme une approche de la recherche et utilise des outils ethnographiques pour la collecte des données, telles que l'observation participante et le journal de terrain, entretiens ethnographiques, la production et l'analyse de l'image et de l'utilisation des réseaux sociaux comme Facebook et whatsapp. Les premiers résultats montrent que la production de la vie scolaire mobilise parfois la culture des jeunes et de la culture scolaire, qui produisent des intersections. Ces résultats suggèrent que ces cultures dans circularité en la vie quotidienne sont en tension, ils coexistent et ils produisent des influences réciproques.

Mots-Clés: Les Jeunesses de l'éducation de jeunes et des adultes. Quotidien de l'école. Circularité entre les cultures.

1. Primeiras palavras...

Os estudos sobre juventudes em processo de escolarização nos espaços escolares da Educação de Jovens e Adultos tem tomado assento na agenda dos educadores preocupados com os processos de juvenilização da EJA e a entrada desses “novos sujeitos” no cenário da Educação de Adultos. Desse modo, a investigação que apresentamos constitui-se em um estudo do/no cotidiano escolar e as culturas, escolar e juvenis, em processo nesse cotidiano, atentando para os possíveis encontros e/ou desencontros promovidos entre juventudes e escola na Educação de Jovens e Adultos, garimpando desse modo as pistas dos entrecruzamentos entre essas culturas e consequentemente a produção de uma vida escolar que, efetivamente, abarque os jovens que chegam a EJA nesse “retorno à escola”, apesar de suas “trajetórias [escolares] acidentadas”. (ANDRADE & NETOx, 2007).

A partir da percepção da relação entre cultura e educação como processos indissociáveis e intimamente articulados (CANDAU, 2012), tenho mergulhado numa pesquisa que toma os alunos jovens da Educação de Jovens e Adultos como informantes/interlocutores da pesquisa, percebendo as juventudes da EJA como sujeitos que precisam ser alcançados pelas práticas escolares, do contrário, o processo de invisibilização desses sujeitos poderá também perpetuar o fosso existente entre juventudes e escola.

A pesquisa está ancorada na interlocução entre os estudos sobre juventudes investigando as culturas escolares e juvenis em circularidade no cotidiano escolar da Educação de Jovens e Adultos. Tem na etnografia sua abordagem de pesquisa e busca a partir de algumas ferramentas de coleta, perceber as “pistas” (GINZBURG, 2013) dos entrecruzamentos entre essas culturas na produção da vida cotidiana da escola.

Na definição da base metodológica, a primazia sempre foi dada a observação participante, papel principal do etnógrafo, pois tudo começa com “o olhar” para o campo, os “nativos” e suas culturas, tendo o cuidado de sempre fazer as anotações fosse das descrições ou das reflexões no diário de campo.

As observações foram complementadas por outras ferramentas que possibilitaram ampliar a leitura acerca das culturas no espaço escolar e nesse sentido, as conversas ampliadas estiveram presentes ao longo de toda a coleta, bem como as entrevistas etnográficas [coletivas e individuais], os questionários utilizados nos estudos exploratórios, as fotografias e as ferramentas da interação em rede, como o Whatsapp e o facebook, incluindo um grupo fechado criado no facebook para trabalhar os conteúdos sobre fotografia e cinema.

Nestes escritos, o texto se constitui, a princípio, numa tentativa de situar as bases epistemológicas sob as quais a pesquisa se alicerça, apontando as posições tomadas em relação às categorias estudadas, em seguida tenta-se, a partir de alguns achados, evidenciados pela produção e análise dos dados, sinalizar para algumas “pistas” que indicam os possíveis entrecruzamentos, as intersecções entre mundos que coexistem e se influenciam reciprocamente.

2. Juventudes, Cotidianos e Culturas: alguns apontamentos...

Nestes escritos, tomamos as juventudes ultrapassando a concepção de transitoriedade, passagem para idade adulta, concebendo-as como categoria histórica, cultural, relacional, social e política, os jovens como singularidades e coletividades, concretudes, produto de suas trajetórias e itinerários desterritorializados, concretamente construídos em seus cotidianos, construtores de seus processos de vida, produzidos e produtores de suas culturas. Logo, nos posicionamos a partir das análises que se contrapõem a concepção de juventude sobre o paradigma das idades, com base em teóricos contemporâneos como: Carrano (2002, 2003, 2009), Spósito (1997, 2002, 2003, 2009), Abramo (2005, 2007), Andrade (2004, 2007), entre outros, que (re) afirmam os jovens enquanto sujeitos múltiplos, sociais e culturais, sujeitos de direito, percebendo a juventude como momento de validação da vida, de complexidade variável, superando assim, o viés puramente etário, transitório.

Compreendemos os jovens/ as juventudes como construções socioculturais, pelo fato de que “são sujeitos de experiências sociais que vão reproduzindo e elaborando uma cultura própria” (DAYRELL, 2009, p.159). Desse modo, posicionamo-nos em defesa dos jovens para além da condição de alunos (SACRISTÁN, 2005; SOUZA, 2003; DAYRELL, 2009), como pessoas que habitam os alunos (AZEVEDO, 2001), vivendo seus processos de escolarização formal nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, pois acreditamos que a categorização dos jovens, tão somente como alunos, desconsidera quem são esses jovens, suas experiências de vida, ignorando que este é produto de situações de educação ampliadas e para além do espaço escolar.

O cotidiano [escolar] é concebido como uma “invenção”, (CERTEAU, 2012), fabricado, arquitetado a partir das práticas produzidas pelos praticantes desse cotidiano. Nesse sentido, a escola, como espaço inventado, intercambia significados e sentidos na interlocução com seus “praticantes”. Lugar de entrecruzamento de saberes e práticas culturais, compreendendo uma rede de relações “produtora de sujeitos e objetos no ambiente escolar”. (CAMARGO, 2007, p.57).

Na esteira deste pensar, o cotidiano é visto “como o conjunto das coisas e situações que *acontecem* na sala de aula e

para além da sala, na instituição escolar como um todo, [...] os acontecimentos cotidianos são pedagógicos”. Desse modo, temos clareza de que “não podemos, nunca, exercer absoluto *controle* sobre os acontecimentos.” (GALLO, 2007, p. 21).

Como espaço produtor de práticas alicerçadas na cultura escolar e dos diversos sujeitos, se constitui um espaço “sempre aberto; espécie de deserto em que os fluxos correm soltos e as diferenças aparecem”. (GALLO, 2007, p.38). Nesse sentido, problematizar esse cotidiano consiste em “escavar” os entrecruzamentos entre saberes, práticas, universos culturais, trajetórias produtoras de sujeitos e de subjetividades.

É na compreensão de que os sujeitos que habitam o universo da escola e da sala de aula são seres socioculturais que o estudo do cotidiano se sustenta como uma tentativa de apreender esse cotidiano a partir de “um olhar sensível, amplo e acurado, que considere todos os aspectos, virtualidades e “movimentos” inscritos em sua condição. Só assim será possível compreendê-lo, ou melhor, “penetrar em seus mistérios”. (TEIXEIRA,2007).

Nesse caminhar, a escola é concebida como um espaço ecológico onde se [entre] cruzam as tantas culturas que a integram. (PÉREZ GÓMEZ, 2001). Culturas que coexistem e se influenciam reciprocamente, culturas em circularidade. (GINZBURG, 2013).

Nossa concepção está sustentada na defesa da existência de uma relação de reciprocidade entre educação e cultura (BRANDÃO, 2003; FORQUIN, 1993; CANDAU, 2012). Reciprocidade que se estabelece no sentido em que “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais [...], não é possível conceber uma experiência pedagógica ‘desculturizada’[...]. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura(s)”. (CANDAU, 2012, p.13).

Como afirmam vários autores, dentre eles Candau (2012,p.15), é na escola como “um espaço de *cruzamento de culturas*, fluido e complexo, atravessado por tensões e conflitos”, que vivem as juventudes na Educação de Jovens e Adultos. Sujeitos socioculturais, que para além do rótulo de ‘alunos’ são seres reais e concretos, mergulhados em processos culturais múltiplos e complexos.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender as tramas ocultas que possibilitam os intercâmbios subterrâneos (PÉREZ GÓMEZ, 2001), e que produzem a rede de relações e interações que dão sentido às práticas escolares em conexão com os universos dos jovens estudantes.

3. Apanhando desperdícios e escovando palavras: escavando os entrecruzamentos...

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso.

No começo achei que aqueles homens não batiam bem.

Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso.

Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos.

E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor.

E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterradas por séculos naquele chão.

Logo pensei de escovar palavras.

*Porque eu havia lido em algum lugar que as **palavras eram conchas de clamores antigos.***

Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras.

*Eu já sabia também que as **palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas.***

Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma.

Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos.

Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha.

Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras.

[...]

*(Grifo meu. **Escova.** Manoel de Barros, 2008)*

Assim como Manoel de Barros no poema “Escova”, fez-se necessário assumir o papel de arqueóloga por horas a fio a “escovar as palavras”, analisando as falas oriundas da escovação das observações participantes com os registros em diários de campo, fosse na escola observando as práticas cotidianas de produção da vida na sala de aula ou fora dela, fosse nas entrevistas com os estudantes ou mesmo com os professores.

Esse trabalho de “escavar o cotidiano” (STECANELLA,2008) e “escovar as palavras”, essas “conchas de clamores antigos”, permitiu a escuta de “seus primeiros sons”, “suas oralidades”, “suas significâncias”. (BARROS,2008).

Como um bom “apanhador de desperdícios” (BARROS, 2008), “não me satisfiz com “as palavras fatigadas de informar”, busquei nos “restos como as boas moscas” (BARROS,2008), nos “desperdícios” do que era dito nas salas de aula, nos corredores, nas conversas daqui e dali, nas observações que possibilitariam ver para além do óbvio nas práticas escolares. Foram percebidos nas “pistas” (GINZBURG,2013) os indícios dos entrecruzamentos entre a cultura escolar e as culturas dos jovens estudantes na/da Educação de Jovens e Adultos, o que possibilitou a clareza de que a escola é um espaço tensionado pelas culturas que nela coabitam e, que é nesse tensionamento que se constrói o espaço vital dos intercâmbios, estabelecidos a partir de uma rede de encaixes que se interpenetram. (PÉREZ GOMES, 2001).

Nesse caminhar, pode-se afirmar que o universal cultural que abriga as juventudes na Educação de Jovens e Adultos é produzido cotidianamente não negando as especificidades das culturas escolar e juvenis, pois como se sabe, a cultura [organizacional] escolar traz em sua constituição manifestações próprias, com suas zonas pouco iluminadas, seus mecanismos de perversidade e poder e suas estruturas carregadas de prescrições externas (SANTOS GUERRA,2002). Do mesmo modo, o universo cultural dos jovens estudantes, que evidencia suas experiências sociais individuais e/ou coletivas mediante a construção de estilos localizadas, fundamentalmente no tempo livre e nas brechas da vida institucional, onde de forma híbrida vão sendo forjadas suas identidades e culturas juvenis nos espaços intersticiais da vida escolar. (FEIXA,1999; PAIS,2006; GARBIN,2013).

É possível perceber o cultivo desse tensionamento entre as culturas na produção da vida cotidiana da escola e consequentemente na reconfiguração dos nichos culturais no interior dessa instituição.

Os eventos analisados constituem-se de dois momentos, a) das práticas de sala de aula de dois docentes da EJA e, b) das falas desses mesmos docentes. São excertos de conversas e de observações “escavados no cotidiano”, os quais buscam no campo obscuro da cultura escolar (SANTOS GUERRA, 2002), desinvisibilizar os entrecruzamentos produzidos nos movimentos subterrâneos das práticas dos sujeitos ordinários – sejam eles os ensinantes ou os aprendentes.

3.1 As palavras [não] ditas: possíveis entrecruzamentos... circularidades

a) pelas práticas docentes

Excerto a1: *Excerto de transcrição de aula do dia 11.12.15 com Docente A.*

Prof.: *Trago para vocês a proposta de fazermos uma exposição fotográfica. Uma exposição virtual. Vocês serão os fotógrafos. Nessa atividade compreendemos a fotografia como meio de expressão. Vamos usar uma das redes sociais mais usadas pela maioria de vocês, o facebook. Vou criar um grupo no face e vocês poderão fotografar com base na temática escolhida entre as três: 1. Deixando-me ver: eu por mim mesmo...2. Eu e minha comunidade 3. Minha vida, meu lugar...*

Prof. *Vocês poderão expressar o seu pensamento sobre as imagens postas no face, vocês poderão ao tempo em que vamos ser os artistas, seremos também observadores das exposições dos colegas. Poderão ainda fotografar os pontos legais da cidade, sua rua, seu bairro, enfim, vocês devem fazer um roteiro do que vai fazer as fotografias, ou seja, como você vê as coisas por meio das imagens.*

Estudante 1: *Ah professor vai fazer isso pra você vê, quem é maluco? Eu tava tendo menino e meu marido filmou o regional todinho, ai a enfermeira veio cá e mandou ele pará com isso.*

Prof. *Então vocês poderão fotografar os problemas da saúde, fotografar a fila, a falta de atendimento*

Prof. *Mas sabe porque, sabe porque? Por quê? Ai a gente tá vendo ai a fotografia pra denunciar. A fotografia é um meio de expressão, de denúncia. Vocês irão fazer as fotografias de acordo com o tema. Todos tem facebook? Bote aqui o nome na lista.*

Estudante 3: *eu tenho Whatsapp.*

Prof. *Olhe tá vendo, já no whatsapp eu tô desatualizado.*

Estudante 4: *Como vai ser essa exposição?*

Prof. *Vai ser online porque para imprimir as fotografias a gente vai gastar. Cada um de vocês vai ser um profissional, um fotógrafo. Vocês irão trazer as fotografias e postar diretamente no seu espaço no face. Ao mesmo tempo que nós vamos ser os artistas desse face, nós vamos apreciar o trabalho dos outros, vamos comentar, vamos dizer qual foi a nossa ideia, qual foi a minha proposta com esse trabalho, com essa minha exposição, o que eu consegui captar com*

isso". Vocês serão vistos para além da condição de alunos: a religiosidade, a arte, a sua rua. O trabalho, deixe que os outros vejam o que você faz. Esse tema é interessante sabe porque, não é apenas para vc sair se fotografando, mas a proposta sabe qual é, é vocês mostrarem uma temática social, [...] Você está tendo oportunidade de fotografar coisas da cidade que chamam sua atenção por onde você anda, passa e acima das fotografias você pode colocar os comentários sobre o que você fez. O que você acha interessante da sua exposição fotográfica, tanto para você quanto para o coletivo.

Estudante 5: Posso fotografar a minha vizinhança, o centro, quando venho para a escola. Professor é pra tirar a foto e fazer a legenda né?

Prof. Não necessariamente a legenda, mas escrever sobre o que a fotografia - a sua exposição quer retratar. Pra não ficar uma coisa obrigatória "essa foto é o centro", mas você pode falar algo sobre o centro. Coloque seu pensamento sobre o centro da cidade.

Estudante 6: O centro é sujo!

Estudante 7: Ôxe! Tu só fala de lixo?

Prof. Está certo, diga tudo que você pense sobre as fotografias. Mesmo quem não tem face, pode fazer as fotografias. Ninguém está impedido de tirar as fotografias. No cartão de memória, via bluetooth.

Estudante 8: Professor pode pegar as fotos que a gente já tem?

Prof. Mas qual foi a sua intenção em tirar essas fotos? A exposição não é eu tirar uma fotografia, é ter um roteiro sobre a fotografia. O tema: Minha vida, meu lugar, está bem amplo. Como você se vê como vc vê o seu lugar. Faz um roteiro, o que eu quero ver, isso, isso e isso. Primeiro coloquem a ideia no papel, depois vocês começam a fazer as fotos.

Estudante 9: Esse trabalho dá a oportunidade de andar nas praças.

Prof. Quanto mais fotografos vocês forem, melhor, quanto mais fotografias melhor.

Estudante 10: Professor eu não tenho celular

Prof. A gente vai ver como é que faz. [...] Tentem colocar no papel o que vocês pretendem falar. Criem o roteiro.

Excerto a2: Excerto de transcrição de aula do dia 25.09.15 com **Docente B**

O sinal toca, são 19:50 e tem início a segunda aula. A professora entra na sala sorridente, deseja a todos uma boa noite e desafia o grupo com a pergunta: "quem trouxe a trena hoje?". A proposição da atividade era para que os alunos medissem tanto a sala de aula quanto o pátio da escola para a partir dessas medições calcularem quanto de cerâmica precisariam comprar para a área do pátio. Todos se dirigem ao pátio da escola alguns com[outros sem] suas trenas, mas todos com seus cadernos e atentos as medições.

Profa: Vamos lá pessoal! Vamos começar e medir e anotar, no caderno, as áreas de todos os lados, depois faremos os cálculos e veremos a área total.

Estudante 1: Eu me lembro da professora quando estou no posto de gasolina e vejo aquele monte de zeros depois do número.

Profa. Pois é e ainda dizem que matemática não serve para nada.

Terminada a medição todos sentados no pátio da escola, foram tentando resolver, com a ajuda da professora, os cálculos que registraram. Em seguida, voltaram para a sala de aula e tentaram resolvê-los no quadro, descobrindo a quantidade de m² que deveriam comprar de cerâmica.

Estudante 2: Agora eu sei medir a área do meu salão para botas cerâmica, eu mesmo vou fazer isso.

Estudante 3: Professora eu não sei a minha altura, me medi.

Toca o sinal. Termina a aula.

b) pelas falas dos interlocutores

Excerto b1: Excerto das Conversas com **Docente A**

[...] eu quero essa aprendizagem significativa. [...] quero que eles aproveitem o que tem aqui. Para que eles vejam a escola não apenas como atrativo de lazer, mas de aprendizado. De forma que pensem 'eu vou pra aula hoje', mas já pensando em ir na próxima. Instigá-los a querer vir assistir a minha aula. Ou ao contrário também viu. Como é que o que a vida que eles tem lá pode ser relacionado aqui? Ai vai não vai eu fico falando. Eu quero essa aprendizagem significativa. Eu quero que eles aproveitem o que estão vendo aqui.

[...]

Creio que seria interessante criar um face, justamente com o tema que você propôs e nele, fossem feitas as exposições fotográficas dos alunos, instigando-os, inclusive, a comentarem as exposições dos colegas e as deles próprios? Por exemplo, a dinâmica é mesma que você já começou, dar um tema para os alunos, ou um tema para cada aluno, com base na sua pesquisa, em seguida, fariamos essas exposições, também, instigariamos os comentários, na própria rede social, com base nas informações, que irão lhe ajudar na construção dessa identidade da EJA. Minha proposta em trabalhar com a fotografia e o cinema, é justamente para poder mostrar uma outra forma artística de se expressar, de se comunicar, de falar de si próprio, ou de um coletivo, de como podemos enxergar o mundo ou algo que lhe envolva.

Excerto b2: Excertos das Conversas com Docente B

Procuro sempre dá significado aos conteúdos. Primeiro procuro conhecer os meus alunos. Quero ser compreendida. Se eu usar a linguagem livresca eles não vão entender nada. Eu nunca acreditei naquele teoria do aluno “baldista”, que é um balde onde a gente bota tudo. Eu quero que o meu aluno seja construtivista. Eu to dando só um GPS, as coordenadas. Esse GPS aqui pode quebrar. Eu não quero que o meu aluno me veja como moleta que se eu quebrar ele cai. Quero que meu aluno ouse, faça mais. Quero fazer o meu aluno um ser pensante. Eu me reinvento a cada ano. Eu me sinto artista na frente de meus alunos. As atividades precisam ter um significado, ter um por que.

[...]

Eu seleciono o conteúdo dentro daquele roteiro enorme e penso, penso nele até dormindo. Penso no que eles sabem sobre isso e no que podem descobrir por aqui. Daí eu começo pelo contrário do normal, começo propondo a atividade. Uma atividade desafiadora. Só depois quando pega fogo é que eu venho com o conteúdo escrito.

Ao escovar as palavras dos *praticantes* do cotidiano escolar, os excertos das práticas de sala de aula (**a1** e **a2**) e das conversas com os docentes (**b1** e **b2**), evidenciam, em algumas palavras [não] ditas durante a coleta na escola pesquisada, que, para além daquilo que é próprio das culturas constitutivas da escola, há na produção da vida escolar, uma relação promotora de influxos culturais arquitetados nas “brechas institucionais” onde por meio das interações entre os indivíduos, os “sujeitos ordinários” produzem suas “táticas”, ou seja, no aproveitamento da ausência do olhar panóptico do poder próprio da cultura escolar, esses sujeitos ordinários insubmissos, agem astutamente no campo minado do inimigo.

Pode-se perceber que a partir dos espaços possíveis onde são tecidas as artimanhas, resistências, transgressões, enfim, na reconfiguração das práticas, as pessoas vão-se projetando. Construindo o “lugar praticado”, erguendo novas e reconfiguradas estruturas e mecanismos de “jogar luz” sob as áreas pouco iluminadas da organização escolar – a exemplo das práticas vividas no interior das salas de aula. (CERTEAU,2012). Já afirmara Pérez Gómez (2001), que são as diferentes culturas em processo de entrecruzamento que impregnam o sentido dos intercâmbios e o valor das transações em meio às quais se desenvolve a construção de significados de cada indivíduo.

4. Algumas considerações

Compreendemos que as culturas não são originais, muito menos neutras, puras ou mesmo redomas autênticas, assim, não estão livres da produção das circularidades. Não negando o que ainda há de “singular” em cada uma delas, podemos perceber que essas singularidades são fronteiras tênues as quais no processo de produção da vida no cotidiano escolar não se constituem fronteiras de ideias, pois elas circulam, se refazem a partir dos diálogos que são enredados pelos praticantes desse cotidiano, fazendo releituras, reflexões, movendo-se no sentido das resistências e ressignificando os tempos e os espaços nos quais os “passantes” circulam diariamente.

As táticas das pessoas que habitam o espaço escolar produzem novas formas de ser e estar neste espaço, numa “cultura de partilha” (CARVALHO. et.all, 2013), que faz emergir das “sombras” da cultura escolar, os eventos culturais que, desinvisibilizados, ressignificam tanto a escola como as vidas dos jovens em processo de escolarização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Desse modo, o cotidiano escolar é reinventado pelos sujeitos praticantes como construtores e construtos de suas próprias culturas. São pessoas que dentro das instituições, burlam as regras, resistem, criam novos códigos de conduta, se reinventam.

Referências

ANDRADE, E. R.; NETO, M. F. Juventudes e trajetórias escolares: conquistando o direito à educação. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Orgs.) **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007. [p.57-80].

AZEVEDO, J. As pessoas que moram nos alunos. In: _____ **Avenidas de liberdade: reflexões sobre política educativa**. 3. Ed. Edições ASA. Porto. Portugal, 2001.

BARROS, M. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BRANDÃO, C. R. **A Educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CAMARGO, A. M. F; MARIGUELA, M. (Orgs.). **Cotidiano escolar: emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007, [p. 21-39].

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (Orgs.) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 9.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2012. [p.13-37].

CARVALHO, J.M. [et all]. Entre culturas, pesquisas, currículos e cotidianos: uma conversa com José Machado Pais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 361-374, set./dez. 2013.

Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol13iss3articles/carvalho-silva-delboni-pais.pdf>. Acesso em: 10.06.14

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 18. ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2012.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: _____. (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. [p.136-161].

FORQUIM, J. C. Educação e cultura: um debate doutrinal. Razão Pedagógica e Cultural. In: **Escola e Cultura: as bases epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre, 1993.

FEIXA, C. De jóvenes. **Bandas y tribus: Antropología de la juventude**. Editorial Ariel, S. A. Barcelona, 1999.

GALLO, S. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, A. M. F; MARIGUELA, M. (Orgs.) **Cotidiano escolar: emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007. [p. 21-39].

GARBIN, E. M.; BASSO S.S.R. C. Juventudes plurais na escola (des)ordenando tempos e espaços na contemporaneidade. **Eccos**. Revista Científica, núm. 31, maio-agosto, 2013. Universidade Nove de Julho. São Paulo, Brasil. [p. 67-82].

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

GÓMEZ, P. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre. Artmed, 2001.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. (Orgs.) **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. [p.7-24].

SACRISTÁN, J. G. **O aluno como invenção**. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS GUERRA, M. Á. **Entre bastidores**: o lado obscuro da organização. Edições ASA, 2002.

STECANELA, N. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela “escola da vida”. Porto Alegre. 397+anexos. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

[i]

[ii]

[i] Na pesquisa, os voluntários são tomados ora como informantes, quando trazem informações, ora como interlocutores, quando são partícipes no processo de diálogo.

[ii] Pedimos licença para tomar, por empréstimo, o termo nicho da área da biologia, a partir da compreensão do nicho [ecológico], como o “habitat”, o lugar que possibilita a vida de determinadas espécies. Assim, pode-se afirmar que as culturas presentes no cotidiano escolar são nichos que por si só trazem todos os elementos que possibilitam a vida dos sujeitos que delas participam.

Autora: Divanir Maria de Lima[i]

Coautora: Profa. Dra. Rosemeire Reis[ii]

[i] Mestre em educação. Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. divanirlima@yahoo.com.br

[ii] Mestre e Doutora em Educação pela USP, com pós-doutorado com Bernard Charlot (UFS), Professora do Centro de Educação (UFAL), na graduação e na pós-graduação em Educação e líder do grupo de pesquisa “Juventudes, Culturas e Formação” (CEDU/UFAL/CNPq)

Recebido em: 25/06/2015

Aprovado em: 26/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlot

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: